

Cetraria

Falcoaria em Portugal

A falcoaria (ou cetraria) conta com uma larga história em Portugal. Pensamos que deverá ter chegado ao nosso país pela mão de Suevos e Visigodos já grandes amantes desta arte. Posteriormente, o contacto com os povos árabes proporcionado pelas cruzadas permitiu o seu desenvolvimento através da importação de conhecimentos.

Por: **Pedro Afonso**
(Artigo escrito com a grafia anterior ao A.O.)



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA





Destaca-se o caparão, um pequeno capuz de couro confeccionado com a medida exacta para servir à ave sem qualquer desconforto. Este priva-a da visão ajudando a que se mantenha calma. Este artefacto, ainda hoje usado na falcoaria, mostra não apenas a forma como esta arte evoluiu através do contacto entre povos mas, também, a própria actualidade de saberes desenvolvidos há séculos.

HISTÓRIA

É no século XII, durante o reinado de D. Sancho I (1185-1211), que surgem as primeiras referências documentais sobre esta arte de caça. O período de maior esplendor desta actividade no nosso país ocorre durante o reinado do rei D. Fernando, século XIV (1367-1383). Neste período é de realçar o “Livro de Falcoaria” de Pêro Menino, encomenda do próprio rei que tratava de questões relacionadas com a saúde das aves de presa. O original do livro de Pêro Menino perdeu-se, existindo apenas cópias do século XVII, entre as quais a mais fidedigna está hoje guardada na biblioteca nacional.

Com a perda da independência para Castela, no século XVI, a actividade deixou o seu

esplendor em Portugal e foi mantida por poucos. No entanto, é durante esse período que chega a publicação o mais famoso tratado da falcoaria em Portugal: *A Arte da Caça de Altanería*, de Diogo Fernandes Ferreira, que foi publicado em Lisboa, em 1616. Segundo o autor, esta obra foi publicada “...por não faltarem hoje senhores desejosos de renovar a caça e carecerem de homens que nela os subsistam servir, me pareceu ter obrigação, assim à arte como à nobreza deste reino, fazer este trabalho.” Este livro trata detalhadamente

próprias na “Real Falcoaria de Salvaterra de Magos”. Estas rivalizavam com o que melhor se fazia nesta arte a nível europeu sendo dirigidas por falcoeiros oriundos dos Países Baixos, considerado então como dos melhores da Europa. Neste período muitas aves foram oferecidas ao Rei. Só em 1765 chegaram a Portugal sessenta falcões, que foram treinados e mantidos em Salvaterra de Magos.

No início do século XIX, com a família real portuguesa ausente no Brasil, são extintos os cargos relacionados com a administração e a

É no século XII, durante o reinado de D. Sancho I (1185-1211), que surgem as primeiras referências documentais sobre esta arte de caça

dos conhecimentos à época relativos à falcoaria e é hoje considerada um ex-libris da literatura seiscentista, um testemunho das tradições.

Durante o século XVIII e após a restauração da independência, a casa real portuguesa retoma a prática da falcoaria com grande entusiasmo. Neste período a falcoaria da casa real portuguesa contava com instalações

Falcoaria Real cai em esquecimento. Até ao século XX a actividade foi praticada apenas por um punhado de entusiastas que mais tarde viriam a formar a Associação Portuguesa de Falcoaria (APF) e de onde se destacam Nuno de Sepúlveda Velloso, Natália Correia Guedes, Alfredo Baptista Coelho e José Albano Veloso Coelho.

A Associação Portuguesa de Falcoaria ▶

(APF) nasce em 1991 com a missão de promover e divulgar a prática da falcoaria em Portugal, proceder à recolha de elementos relacionados com a história da falcoaria e colaborar na protecção a aves de presa. Desde o momento da sua criação a APF tornou-se a única representante dos falcoeiros e da cetraria Portuguesa. Além da representação interna, a APF faz também a representação da falcoaria Portuguesa no estrangeiro, em especial junto da IAF (Associação Internacional para a Falcoaria e Conservação das Aves de Presa), onde detém o estatuto de Associação Membro desde a sua criação e tem assento permanente.

A PRÁTICA

A falcoaria não foi e provavelmente nunca será uma actividade para massas. Dizia Francisco D'Arcússia no século XVI: "*Nem todos nascem para se alegrar em voar conosco. Também não é de todos o saber e o poder fazer...*" Se durante vastos períodos da sua história se encontrava restrita às classes mais favorecidas, hoje, a sua grande exigência em termos de tempo e dedicação (as aves necessitam de atenção e cuidados diariamente) tornam-na igualmente prática que cativa

um número reduzido de aficionados. Apesar disso e, segundo os dados que dispomos, o número de praticantes tem vindo a aumentar ligeiramente na última década, e **actualmente contamos com cerca de 100 falcoeiros distribuídos por todo o país.**

Apesar desta abertura e crescimento, os falcoeiros querem garantir que os novos praticantes partilham de uma matriz comum. Tal como afirmou Félix Rodríguez de La Fuente (também ele ávido falcoeiro): "*somos apenas um elo na cadeia de falcoeiros que se estende desde a pré-história*". Por essa razão, todos os

podem consultar o "Manual de Introdução à Cetraria" que pode ser descarregado gratuitamente no mesmo site. Esta pequena introdução à prática expõe aquilo que esta "forma de vida" realmente envolve e ajudará os interessados a compreender melhor a exigência da actividade.

As aves mais usadas em Portugal são sem dúvida os Búteos de Harris (*Parabuteo unicinctus*). Esta é uma das poucas espécies sociais de ave de presa possuindo uma enorme inteligência e capacidade para trabalhar em equipa com o falcoeiro. São especialmen-

Todos os falcoeiros sentem a necessidade de assegurar que os novos praticantes partilham o respeito pelas aves de presa e pela caça, valores fundamentais na falcoaria

falcoeiros sentem a necessidade de assegurar que os novos praticantes partilham o respeito pelas aves de presa e pela caça, valores fundamentais na falcoaria. Assim, e para conhecer melhor esta forma de caça em Portugal convidamos os leitores interessados em saber mais sobre esta arte a aceder ao site da Associação Portuguesa de Falcoaria (www.apfalcoaria.org). Os interessados em praticar

te usados pelos que se dedicam à caça do coelho ou à lebre. Os Açores (*Accipiter gentilis*) têm aumentado em número nas luvas dos nossos praticantes sendo usados nas mesmas presas que os primeiros e também na caça de aves. Esta espécie apresenta um carácter mais ativo exigindo maior experiência. O mítico Gavião (*Accipiter nisus*) com os seus dotes excepcionais para a caça de aves (como

Autor com macho de gavião.



PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

Falar de cetraria deve ser sinónimo de falar de campo e de caça mas também de um património histórico, cultural e artístico que é herança da Humanidade. A submissão à UNESCO afirmava: "A Falcoaria é um das relações mais antigas entre homem e aves, data de há mais de 4000 anos. É uma actividade tradicional que envolve o uso de aves de presa treinadas para a caça de presas no seu estado e habitat natural. É uma actividade natural porque falcão e presa evoluíram em conjunto durante milhões de anos; a sua interacção é um drama histórico. O falcão está adaptado à captura da presa e a presa evoluiu para escapar ao seu predador. Isto conduz ao testemunho do verdadeiro funcionamento da natureza e impõem ao falcoeiro o desafio de compreender o comportamento natural de ambos os interlocutores desta dança natural. A sua tarefa [do falcoeiro] é assegurar que estes actores se continuem a encontrar em plena natureza." Em 2010 a candidatura da Falcoaria a Património Imaterial da Humanidade constituiu a maior na história da UNESCO e foi considerada um "notável exemplo de cooperação entre nações". A candidatura foi apresentada por: Bélgica; República Checa; França; Coreia; Mongólia; Marrocos; Qatar; Arábia Saudita, Espanha, Síria e Emirados Árabes Unidos. Já em 2012 o reconhecimento foi estendido a Áustria e Hungria.

O reconhecimento pela UNESCO da singularidade da falcoaria, da sua profundidade enquanto prática partilhada pela Humanidade, constitui um marco de enorme relevância para a prática da cetraria a nível mundial e prova que esta arte não conhece divisões políticas, religiosas ou culturais. Na generalidade os falcoeiros partilham valores universais. Os métodos de treino, o equipamento utilizado e o sentimento de conexão com a sua ave são encontrados por todo o mundo. É este sentimento comum e este conhecimento partilhados que fazem da falcoaria uma atividade universal. Este método de caça representa a perpetuação de uma tradição verdadeiramente milenar. A transmissão deste património de pais para filhos, permitiu que esta arte chegasse até nós, ao século XXI. Portugal, como vimos, apresenta na falcoaria um património histórico e cultural invejável e uma prática ininterrupta desde o seu nascimento enquanto nação. Actualmente esta prática apresenta-se ao mundo viva e com vigor. Por esta razão ambicionamos que a falcoaria em Portugal seja reconhecida como legítima representante do Património Imaterial da Humanidade. O colectivo de falcoeiros está a dar passos sólidos nessa direcção e esperamos dar consecução a este desafio nos próximos anos, podendo assim dar continuidade a esta actividade para a eternidade.

da velocidade sendo a primeira escolha para a "Altanaria". Nesta forma de caça, um dos melhores exemplos das subtilidades da cetraria, a ave é ensinada a subir para tomar uma posição favorável de comando no céu. É de grande altura que depois desce em voo picado para tentar capturar a sua presa: um verdadeiro bailado aéreo com milhares de anos de evolução. Este tipo de lance é praticado por um pequeno número de falcoeiros com mais experiência e que procuram a pureza e exigência deste estilo.

O desconhecimento face à nossa forma de

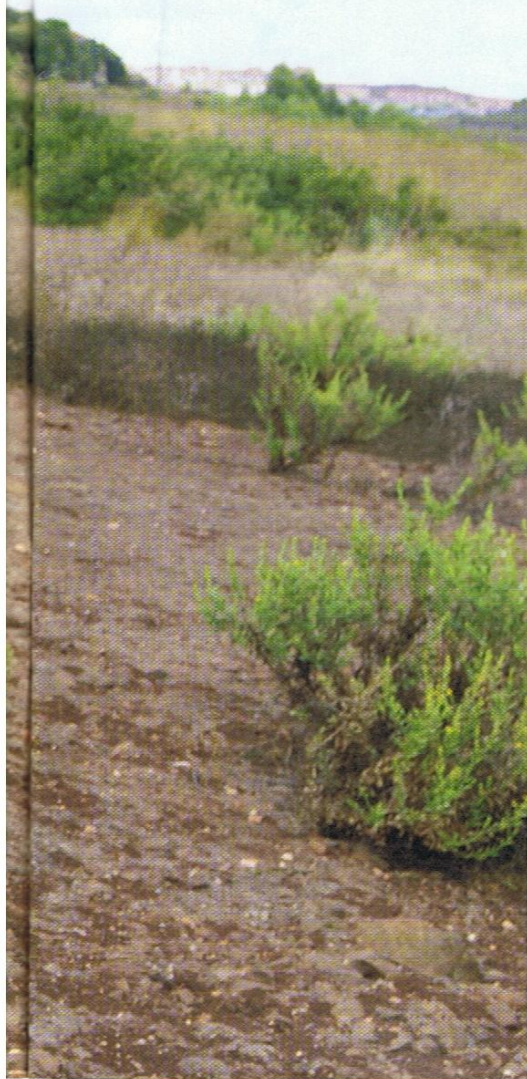
As dúvidas relacionadas com a legalidade da prática são comuns. Sobre isto é importante realçar que a cetraria conta com um enquadramento legal específico em Portugal

caça leva ainda à ocorrência de diversos mitos e preconceitos que muitas vezes tornam difícil uma prática de maior qualidade.

As dúvidas relacionadas com a legalidade da prática são comuns. Sobre isto é importante realçar que a cetraria conta com um enquadramento legal específico em Portugal. **Para se poder caçar por este método todos os falcoeiros deve realizar um exame**, onde são avaliados os seus conhecimentos teóricos e práticos sobre a caça e também sobre a cetraria. Além disso é ainda necessário licença e seguro de caça. As aves de presa são integralmente provenientes da reprodução em cativeiro e devem obrigatoriamente estar registadas junto do estado Português, no Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF).

a codorniz ou pega rabuda) constitui um dos maiores desafios em falcoaria devido à sua natureza tímida. Estas espécies são usadas em "Baixo-Voo", um estilo característico na falcoaria em que a ave tenta capturar a sua presa num voo directo, geralmente rente ao solo.

Falcões de várias espécies são usados primordialmente na caça de aves. O Falcão peregrino (*Falco peregrinus*), o mais veloz animal do mundo, é considerado um mestre do voo e



Nuno de Sepúlveda Veloso, pioneiro da falcoaria em Portugal.

O começo de um lance
de altanaria.



Além disso, subsistem ainda preconceitos que impedem a entrada de alguns falcoeiros nas zonas de caça em que desejariam caçar. Muitas destas fábulas são contraditórias, tal como a ideia que as aves de presa são predadores infalíveis dizimando toda a caça do local. O contrário, afirmando-se que a cetraria não tem lugar nas zonas de caça pois o baixo número de capturas que produz não tem interesse económico, também vigora. A prática demonstra que a cetraria é uma modalidade sustentável, que não afugenta a caça ou produz animais feridos que não são cobrados. O

acesso dos falcoeiros às zonas de caça pode ser organizado em vários formatos que complementem os outros métodos de caça sendo um acréscimo de rendimento para qualquer zona de caça. Tendo isto em conta deixamos o apelo aos gestores de caça para uma maior abertura à prática desta modalidade. Os mesmos podem recorrer à APF para divulgar as propostas junto dos falcoeiros.

Em suma, a falcoaria é uma modalidade preparada para o futuro cuja prática permite a comunhão com o mundo natural mostrando aos falcoeiros momentos de extraordinária

beleza que, geralmente, apenas ocorrem longe da vista do Homem. Além ser uma arte caça espectacular, a falcoaria relaciona intimamente com a protecção da Natureza invocando a salvaguarda de recursos naturais aos quais todos dependemos intimamente. ■

BIBLIOGRAFIA

Carlos Crespo - *A arte da falcoaria*.
Edições Inapa, 1999